

Discurso na solenidade de assinatura de contrato entre o BID e o Governo brasileiro para financiamento do programa de melhoria e expansão do ensino médio – Projeto Escola Jovem

BRASÍLIA, DF, 2 DE MARÇO DE 2000

Senhor Presidente do BID, meu querido amigo Enrique Iglesias; Senhores Ministros Paulo Renato Souza e Martus Tavares; Senhores Ministros; Líderes; Parlamentares; Embaixadores; Secretários de Educação; Senhoras e Senhores,

Tenho muito pouco a acrescentar ao que foi dito, a não ser a minha alegria de verificar que, na área da educação, o Brasil tem feito progressos acentuados.

No início, sempre é difícil fazer crer quando as coisas vão melhor. Não foi diferente na educação. Mas agora já está tão óbvio, que mesmo os mais descrentes têm que reconhecer que houve um avanço importante. Um avanço que tem um significado. Se me permite o exagero brasileiro, igual ao que eu vi no Doutor Enrique Iglesias, que hoje fala português com aquela fluência que me dá inveja, quando falo espanhol, se me permite o Doutor Iglesias o exagero, é um avanço que eu diria que tem significado, realmente, histórico. Se se quiser uma referência histórica, José Bonifácio, num livro extraordinário que ele tem, *Um projeto para o Brasil*, o nosso Patriarca da

Independência, no começo do século XIX, dizia que, na verdade, a nossa grande questão era o ensino básico, era o analfabetismo, ensinar a ler e a escrever. Isso foi, digamos, o dia-a-dia de todos nós. Quem teve a satisfação, como eu, de ser aluno e, depois, trabalhar com gente como Fernando Azevedo, Florestan Fernandes, Anísio Teixeira, Lourenço Filho, sabe disso, que os educadores brasileiros, a vida inteira disseram que era preciso, efetivamente, ampliar o acesso à escola pública e à escola primária para a educação básica no Brasil.

Pois bem, no governo que tenho a honra de presidir – vem do mandato anterior – nós fizemos isso. Nós realmente fizemos isso. Esse nós não é, claro, só o Governo Federal, é a mobilização da sociedade, os governos estaduais e municipais, os pais de famílias, campanhas de toda criança na escola. Mas isso, hoje, é algo que está em marcha. E de tal maneira está em marcha que coloca novos desafios. Na medida em que estamos aumentando a escolaridade básica, num primeiro nível, obviamente isso força o segundo nível. É o que disse o Ministro Paulo Renato: 57% de aumento de 94 até hoje na matrícula do ensino médio, ou seja, uma taxa de crescimento que deve estar ao redor de 11%, 11,5% ao ano. É uma coisa muito significativa.

E isso cria novos problemas. Não há governador que não me fale das dificuldades que tem que enfrentar nessa questão. Magnífica dificuldade. Antes não tinha, porque não havia pressão no ensino médio, as escolas tinham uma taxa de repetição muito elevada, não se formavam os estudantes, não havia abertura da fase inicial, não havia pressão. Ótima pressão. Que reclamem, que digam: “O Governo Federal não dá o dinheiro?” Acaba dando. E nós vamos dar. Dar não, vamos contribuir um pouquinho.

Vamos enviar um projeto ao Congresso para que o salário educação, também, possa ser utilizado no 2º grau, no ensino básico. Porque isso abre uma possibilidade de irmos ajudando. Agora, é natural, também, que os governadores destinem verbas crescentes das suas receitas para o ensino secundário. Sei que eles vão dizer: “Bom, o Presidente disse isso e, ao mesmo tempo, tenho que pagar o juro da

dívida, tenho isso, tenho aquilo.” É assim mesmo comigo também. Isso é assim, isso é da vida. O problema é que temos a coragem de enfrentar essas questões com tranqüilidade, negociando, discutindo e vamos, realmente, provocar, como fizemos no ensino básico, na sua fase inicial, agora, na sua segunda fase, também, vamos enfrentar essa questão do ensino secundário de uma maneira competente e corajosa. E para isso, estamos tendo cada vez mais competência; a coragem depende do gás que o BID nos der.

Tenho certeza, com essa convicção que tem o presidente do BID e o seu corpo técnico, da importância da educação, de que isso não vai faltar. E eles sabem, também, que estamos cumprindo aquilo que prometemos.

Ainda ontem, estivemos em Montevideú, com a grata companhia do Doutor Enrique Iglesias e de outras personagens mais. Numa estação de rádio, um repórter muito competente, me entrevistando lá, disse: “Mas como é possível fazer ao mesmo tempo ajuste e a área social?” Estamos fazendo, os dados são eloqüentes. Na área social, não houve diminuição. Houve aumento, não só do gasto – o Ministro Paulo Renato deu alguns números aqui – como do que é mais importante, tanto quanto o gasto, da eficiência na utilização dos recursos.

Se tivermos mais eficiência com a mesma quantidade de recursos faz-se muito mais. Nesses anos todos procuramos preservar, e preservamos, aquilo que é necessário para a educação, para o ensino, para a saúde, para a reforma agrária e para a Previdência Social. Ao mesmo tempo, nunca aceitamos que o Brasil deixasse de crescer. Quando diminuiu o seu ímpeto, como no ano passado, foi por causas externas. Este ano, de novo, estamos retomando o caminho do crescimento e, ao mesmo tempo, fazendo o ajuste das contas públicas, porque se não fizermos o ajuste das contas públicas, volta a inflação e todo esse esforço feito, inclusive na educação, na saúde e em tudo mais, vai por água abaixo.

Então, a ginástica a ser feita é, precisamente, essa e a competência a ser demonstrada é a capacidade de, mantendo o controle do gasto público, não descuidar do gasto social, melhorar a eficiência na utili-

zação dos recursos e, realmente, dirigir os recursos para aqueles que mais precisam, que são os mais pobres.

E isso é fácil de falar, difícilimo de fazer. Porque na hora em que se vai destinar para o mais pobre, sempre vem um outro, que é menos pobre, talvez, outro que é menos, menos ainda, e já não justifica mais gritar em nome do pobre, para não deixar que o dinheiro vá para o pobre e se apossar desses recursos, fazendo com que haja um desvio da função social, da utilização dos recursos.

Todos sabemos que o futuro, hoje, é conhecimento. Claro que a riqueza natural ajuda. Claro que o tamanho do mercado ajuda, mas, sem conhecimento, não há riqueza natural, não há tamanho de mercado que agregue valor. E conhecimento depende de educação, depende de ciência e tecnologia. É por isso que a ênfase toda, neste meu segundo mandato, está na educação e na ciência e tecnologia.

Dadas as condições de estabilidade que alcançamos, vamos preservar daqui por diante a educação, a ciência e tecnologia, porque só isso vai permitir o essencial, que é a redistribuição de renda. Não adianta falar que a renda é concentrada, porque é – lamentavelmente, há 500 anos. Isso só se resolve, realmente, dando condições para que as pessoas tenham melhores chances na vida. Essas condições, hoje, estão vinculadas à questão do conhecimento, da tecnologia, da educação, do acesso, portanto, ao bem mais importante do mundo de hoje, que é a informação.

Não vamos fazer isso no isolamento. E aí, de novo, está o BID aqui como testemunha. O Brasil precisa, crescentemente, se integrar com os países vizinhos, com a Argentina, com o Uruguai, com o Paraguai, com o Chile, com a Bolívia, com os demais países, pelo menos da América do Sul. Nós precisamos, vitalmente. Isso é do interesse do Brasil. E, portanto, não é do interesse do Brasil que esses nossos vizinhos, nossos parceiros deixem de prosperar. Ao contrário, queremos que eles prosperem.

Tenho horror quando vejo a notícia de que há uma empresa se transferindo da Argentina para o Brasil. Queremos mais empresas na Argentina e mais no Brasil. Não precisamos de transferência de empresas para o nosso enriquecimento e a Argentina também precisa ter empresas. E o

Governo do Brasil é contrário às técnicas de atração de investimentos. Vamos atrair investimentos, e queremos atrair juntos: argentinos, uruguaios, brasileiros, paraguaios, chilenos, bolivianos, colombianos, venezuelanos. Todos nós, pela capacidade de termos conhecimento. Esse é o futuro. O futuro vai depender, basicamente, disso.

Temos clareza desse processo. Também sabemos que não há de ser através do empobrecimento relativo de outros países que o Brasil se fará melhor e mais rico. Ele só se fará melhor e mais rico se crescermos juntos. É tão fácil fazer programas em conjunto na área de educação, na área de ciência e tecnologia, que acho que é o futuro da integração – e sou totalmente partidário dela. Depende da nossa compreensão disso, de fazermos projetos conjuntos também, na área de biotecnologia, na área de informática, na área das ciências do espaço. Enfim, nessas áreas que são vitais e para as quais já temos aquela base necessária para seguir adiante.

Não reconhecemos – nós, brasileiros –, muitas vezes, o muito que já foi feito no Brasil em matéria de educação. Aqui, o Ministro Paulo Renato deu alguns dados, mas eu diria que isso vem de longe. O CNPq foi criado em 1951. Hoje, se distribuem, entre CNPq e Capes, 40 mil bolsas para mestrado e doutorado, por ano. Se somarmos a Fapesp, são mais 10 mil, são 50 mil. Mais algumas que existem nos outros estados, sei lá, e são 55 mil bolsas, por ano, para mestrado e doutorado. Quando se vê que isso tem continuidade, são 50 anos quase, a média não foi essa, mas se a média tivesse sido de 20 mil bolsas, seria um milhão de bolsas. Que essas bolsas tenham sido perdidas em 60%. Quarenta por cento de 1 milhão são 400 mil pessoas. Bem capacitadas. E estou exagerando na perda da eficiência das bolsas.

Quando olhamos o número de doutorados que há no Brasil, temos 4 mil doutores por ano. Isso é mais do que a Itália. Não sei se está aqui o Embaixador da Itália para confirmar, ou para infirmar, mas ele vai ter que confirmar. Duvido de que ele saiba o dado exato, que também não sei... Eu disse a Itália porque é uma referência, para nós, positiva. Conseguiu, com seu esforço, fazer com Enrico Fermi grandes transformações na questão da energia nuclear, conseguiu com a matemática, conseguiu em vários setores.

Ora, se nós somos capazes de ter essa quantidade de gente, se nós temos capacidade de ver o futuro, se nós estamos de braços abertos para continuar nos programas de integração, se nós estamos começando a ter os alicerces mais firmes na questão da educação de base, tanto no nível primário quanto no nível secundário, se nós temos o BID para nos ajudar, por que nós não vamos ter confiança no futuro? Nós temos muita confiança no futuro.

Fiz questão de vir aqui. Primeiro, para agradecer ao BID, a Enrique Iglesias, que tem sido incansável em batalhar pelo desenvolvimento do Brasil, dos países da América Latina, na área social, na área econômica. Onde for possível, vejo que tem lá Enrique Iglesias, até quando não é da área dele, telefono para ver se ele dá uma mãozinha. E ele, geralmente, dá a mão necessária e tem sido, realmente, um integracionista extraordinário. Considero-o um patriota da América Latina e, portanto, meu compatriota brasileiro. Depois desse discurso em português, então foi total. Ele é nosso. Então, queria expressar esse sentimento de alegria, de ver que nós temos gente no BID com essa disposição, e avançando.

Quis vir também para dizer, mais uma vez, o agradecimento que tenho ao Secretário de Educação, ao corpo técnico do Ministério da Educação, ao Pedro Paulo Popovic e ao Ministro Paulo Renato, que tem feito um trabalho extraordinário. E ao Congresso, que tem apoiado esse trabalho extraordinário.

E agora, aqui, também, diante de representantes de organismos internacionais, diante de representantes dos vários países amigos do Brasil, para dizer que nós queremos fazer tudo isso para garantir a democracia, a prosperidade, a paz e o entendimento cada vez maior entre todos nós. E que nós vamos enfrentando esses desafios da globalização com confiança, porque nós vamos ter cada vez mais conhecimento e mais competência, portanto, de definir os nossos interesses próprios, nacionais, dentro de uma perspectiva que não seja danosa para os interesses das outras nações que são nossas irmãs.

Muito obrigado e parabéns a vocês todos.